

PANORAMA – DEZEMBRO / 2014

O mês de dezembro foi marcado pela intensificação do desequilíbrio entre a oferta e demanda do petróleo no mundo. As cotações do óleo bruto perderam 50% do seu valor desde junho, devido a uma oferta abundante, ao fortalecimento do dólar e à fragilidade da demanda em um contexto de desaquecimento da economia mundial. E a situação tende a se manter no curto prazo, depois que a OPEP decidiu manter inalterado seu teto de produção, na última reunião do cartel que tem sua sede em Viena, na Áustria.

Com isso, o dólar manteve-se pressionado. O avanço da moeda americana ante a divisa de exportadores de petróleo foi generalizado no exterior, em função do recuo dos preços da commodity. Isso também afetou o Brasil, em meio à leitura de que o petróleo em baixa prejudica as exportações da Petrobras e do país como um todo.

Os papéis da Petrobrás, já afetados pelo quadro desfavorável para a companhia, envolvida em denúncias de corrupção e com elevado nível de endividamento, recuaram com força. As ações ordinárias da companhia encerraram o mês com queda de 37,9%.

Além do petróleo, os preços do minério de ferro e do carvão voltaram aos níveis vistos pela última vez durante a crise financeira de 2008/2009, sinalizando não só o impacto de uma oferta abundante, mas também uma acentuada fraqueza em partes da economia global.

Na Rússia, após a moeda local sofrer a maior queda em 16 anos, pressionada pela fuga de capitais, o Banco Central elevou os juros de 10,5% para 17% para tentar conter a desvalorização da moeda local, o rublo, que acumula queda de 50% no ano. O uso das reservas internacionais do país, em mais de US\$ 80 bilhões, não tem sido um instrumento suficiente para estancar a depreciação da moeda, num momento em que a economia russa é sufocada pelas sanções adotadas pelo Ocidente em retaliação a invasão da Ucrânia.

Nos EUA, a confiança do consumidor aumentou em dezembro, diante da melhora da situação do emprego que deixou as percepções sobre as condições econômicas na máxima vista pela última vez em fevereiro de 2008, de acordo com pesquisa do Conference Board, divulgada no dia 30. O índice de atitudes do consumidor subiu para 92,6 contra 91,0 no mês anterior em dado revisado para cima.

Isso após os EUA anunciar que a economia cresceu no ritmo mais rápido em 11 anos no terceiro trimestre deste ano, o sinal mais forte até agora de que a expansão da atividade norte-americana realmente acelerou o passo. O Departamento do Comércio revisou para cima sua estimativa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para ritmo anual de 5%, ante 3,9% divulgados no mês passado, citando gastos mais fortes de consumidores e empresas do que havia levado em conta anteriormente.

Na zona do euro, o crescimento econômico deve desacelerar, de acordo com o índice de indicadores antecedentes da OCDE, particularmente na Alemanha e na Itália. Com isso, a região da moeda comum corre o risco de voltar ao quadro recessivo. Após superar um período de 18 meses de recessão no segundo trimestre de 2013, a economia não consegue uma recuperação significativa. A economia na zona do euro cresceu 0,2% no terceiro trimestre, após avançar 0,1% no segundo.

Do lado doméstico, destaque para a última reunião do COPOM de 2014, que ajustou a Selic para 11,75% ao ano, em decisão unânime. No comunicado divulgado depois do anúncio, o BC disse que, considerando os efeitos

cumulativos e defasados da política monetária, entre outros fatores, o colegiado avalia que o esforço adicional de política monetária "tende a ser implementado com parcimônia".

As declarações acabaram provocando especulações sobre se a autoridade monetária poderia reduzir o ritmo de alta da Selic na sua próxima reunião, marcada para o dia 21 de janeiro.

As contas públicas seguiram no noticiário. O governo promoveu alterações nos procedimentos de acesso a pensão previdenciária e auxílio desemprego, tornando-os mais rígidos. As mudanças envolvem regras novas para concessão de abono salarial, seguro-desemprego, pensão por morte e auxílio-doença, e espera economizar R\$ 18 bilhões por ano.

Estas medidas fazem parte de um conjunto de ações, que seguem no sentido de reduzir os déficits primários do governo central. O estrago fiscal de 2014 foi atestado pela divulgação dos déficits primários consolidados em novembro. O governo central registrou déficit primário de R\$ 6,711 bilhões em novembro. O resultado foi o pior para meses de novembro desde o início da série, em 1997, quando foi registrado déficit de R\$ 4,419 bilhões. No acumulado de janeiro a novembro, o déficit primário acumulou R\$ 18,319 bilhões, ou 0,39% do PIB. Trata-se de um resultado muito aquém do superávit primário prometido pelo governo, de R\$ 10,101 bilhões.

Bolsa

A bolsa paulista fechou o último pregão de 2014 em queda e amargou a segunda desvalorização anual consecutiva, em um cenário de fraqueza econômica e preocupação de investidores com os fundamentos do país.

Em dezembro, acumulou desvalorização de -8,62%, aos 50.007 pontos, fechando o quarto trimestre com declínio de -7,6%. No ano, o principal índice de ações brasileiras recuou -2,91%, após o tobo de -15,5% em 2013.

Nem mesmo o forte ingresso de capital externo foi suficiente para impedir a queda anual da bolsa. No ano até 26 de dezembro, dado mais recente disponível, o fluxo de estrangeiros no mercado à vista estava positivo em quase R\$ 20 bilhões. Apesar do fluxo positivo, prevaleceu o cenário de fraqueza econômica e preocupação de investidores com os fundamentos do país.

A eleição presidencial deste ano agitou os negócios na bolsa, que chegou a acumular valorização de 20% no ano no fechamento de 2 de setembro, diante da expectativa de vitória da oposição na eleição presidencial. Entretanto, a confirmação da reeleição da presidente Dilma empurrou o índice para baixo, revertendo o quadro de recuperação pré-eleições.

As ações da Petrobras, no centro de um suposto esquema bilionário de corrupção, não responderam pela maior queda do Ibovespa em 2014, mas certamente espelharam expectativas, frustrações, esperanças e especulações no mercado quanto a mudanças na economia e na política.

A estatal, maior empresa em receita da América Latina, fechou o ano com uma perda próxima de 38% em seu valor de mercado. Suas ações preferenciais caíram 37,7% e as ordinárias desvalorizaram-se 37,96%.

As cinco maiores quedas do Ibovespa em 2014 foram Oi (-76,0%), Rossi Residencial (-66,8%), Usiminas (-64,5%), CSN (-60,1%) e PDG Realty (-52,5%).

As maiores altas do índice foram Kroton (+63,8%), Marfrig (+52,5%), Gol (+44,9%), Cetip (+41,1%) e Lojas Americanas (+38,1%).

Renda Fixa

No mercado de juros futuros negociados na BM&FBovespa, o mês foi de altos e baixos. A valorização do dólar manteve os juros pressionados, com alguns indicadores locais atuando como coadjuvantes. O IBC-br, considerado a prévia do PIB, recuou 0,26% em outubro, ante setembro. O número surpreendeu o mercado, que esperava um número entre zero e 0,30%. A divulgação do IPCA-15 pouco mexeu com o mercado. O número aponta para uma inflação de 0,79% em dezembro. No ano, o índice acumula alta de 6,46%, muito próxima do teto da meta do governo, de 6,50%.

Na última reunião do ano, o COPOM ajustou a Selic para 11,75%, em decisão unânime. A ata da reunião expressou a opinião de seus membros, ao reforçar a confiança nos efeitos defasados do aperto monetário e na contribuição da política fiscal sobre a inflação. Entretanto, o comitê admite que se manterá vigilante e que agirá se necessário for.

Ao término da última negociação regular na BM&FBovespa no ano, a taxa do DI para janeiro de 2016 indicava 12,34%, ante 12,46% de novembro.

Na contramão, o DI para janeiro de 2017 apontava 12,88%, de 12,18% no ajuste de novembro, e o DI para janeiro de 2021 tinha taxa de 12,28%, ante 11,63% no fechamento de novembro.

Dentre os investimentos de renda fixa, que têm sua forma de remuneração definida no momento da aplicação, destaque negativo para as NTN-Bs, títulos públicos negociados pelo Tesouro Direto que pagam uma taxa de juro pré-fixada, mais a variação da inflação, medida pelo IPCA.

As NTN-Bs que se beneficiaram foram aquelas com prazo de vencimento mais curtos, em linha com o mercado de juros futuro. A mais rentável foi a NTN-B com vencimento em 2015, que registrou alta de 0,89% no mês. Por outro lado, as mais longas sofreram um revés em relação aos ganhos de novembro. Enquanto a NTN-N com vencimento em 2035 acumulou perda de -3,77%, a NTN-B com vencimento em 2050 recuou -4,76% em dezembro.

As Letras Financeiras do Tesouro (LFT), títulos públicos atrelados à Selic, apresentaram bom resultado no mês, uma vez que a taxa básica se encontra em patamar elevado.

Na família de índices IMA, destaque negativo para o IMA-B, que reflete a carteira indexada ao IPCA, que apresentou desvalorização de -1,90%. Enquanto o IMA-B 5, que registra o retorno médio dos títulos de até 5 anos, cresceu 0,04%, o IMA-B 5+, carteira de títulos com prazo superior a 5 anos, recuou -2,96% no mês.

Entre os papéis pré-fixados, a carteira de títulos com prazo de até 1 ano (IRF-M 1) valorizou 0,90%, enquanto a com títulos acima de 1 ano (IRF-M 1+) apresentou perda de -0,49%.

Consolidando os resultados da família de índices IMA, o IMA – Geral apresentou decréscimo de -0,50% no mês.

O CDI apresentou valorização de 0,86%, enquanto a poupança fechou o mês com rendimento de 0,55%.

Câmbio

Já o dólar experimentou o segundo mês consecutivo de alta. Se em novembro a moeda havia valorizado 3,84%, em dezembro a valorização foi de 3,75%. No ano, a moeda acumulou alta de 13,39%.

Os recentes indicadores econômicos têm reforçado a percepção de que a recuperação norte-americana segue forte, apesar do fraco crescimento de outras economias importantes, pavimentando o caminho para uma alta dos juros que pode atrair para os EUA recursos aplicados atualmente em países.

O Banco Central anunciou oficialmente que vai estender, pelo menos até o fim de março, seu programa de leilões diários de "swaps cambiais" – instrumentos que funcionam como venda de moeda no mercado futuro. Sem a prorrogação, o programa terminaria em dezembro.

A continuidade do programa diário de venda de contratos de swap cambiais já tinha sido confirmada anteriormente pelo presidente da autoridade monetária, Alexandre Tombini. Entretanto, ainda não tinha sido anunciado o novo prazo e nem o volume da oferta - que tem sido apelidada de "ração diária".

Neste período, serão ofertados US\$ 100 milhões por dia, volume reduzido pela metade em relação as ofertas diárias realizadas em 2014.

Perspectiva

As projeções para a economia não são nada animadoras para o curto prazo. O governo central se esforça na busca pelo equilíbrio fiscal, e o ajuste das contas públicas segue como principal desafio da equipe econômica.

Apertar os cintos por um curto espaço de tempo é relativamente fácil. Por exemplo, alguns gastos podem simplesmente serem adiados. O mais difícil é fazer uma profunda reforma em receitas e despesas, de forma a buscar o equilíbrio no longo prazo. O ambiente é hostil, e o ministro da Fazenda, Joaquim Levy, terá que enfrentar forte resistência dentro do próprio governo, afetando lobbies poderosos de incentivos fiscais, funcionalismo e políticas públicas.

Nossa recomendação para a renda fixa permanece no sentido de manter uma carteira posicionada no IMA-B e IMA-Geral, entre 40% e 50%, mantendo uma posição média de 30% a 40% no curto prazo, em ativos indexados ao CDI e/ou IRF-M 1.

Na renda variável, recomendamos cautela na alocação de recursos no mercado de ações, mantendo uma posição máxima de 15%.
